

---

SAUSSURE *VERSUS* LACAN: LINGUAGEM, DISCURSOS PATOLÓGICOS E  
FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE\*

---

IZABEL VILELA\*\*

---

*A Ildeu Moreira Coêlho*

RESUMO

Este artigo analisa alguns aspectos da reutilização pela Psicanálise, em especial por Lacan, do aparelho teórico saussuriano. Discorre, desse modo, sobre o controverso tema das relações entre Lingüística e Psicanálise, abordando os discursos patológicos e as formações do inconsciente por meio da linguagem dos sonhos, do lapso, do dito espirituoso, do esquecimento de nomes.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure, lingüística, psicanálise.

Que ligações ou semelhanças poderiam existir entre os mecanismos da linguagem e os do inconsciente? Quais os diálogos possíveis entre o lingüista e o psicanalista? Que relações de semelhanças e divergências poderiam ser constatadas entre a lingüística e a psicanálise? Existiriam afinidades entre as duas disciplinas? Teria o lingüista algo a dizer sobre a psicanálise? Ou será que lingüistas e psicanalistas realmente não foram feitos para se encontrarem?

Em um primeiro momento, observando-se ainda de longe, tem-se realmente a impressão de que lingüistas e psicanalistas não teriam sido feitos para se encontrarem e menos ainda para se entenderem.<sup>1</sup>

Essas duas disciplinas, a lingüística e a psicanálise, são muitas vezes vistas por seus próprios aprendizes como assuntos relativamente complexos. Esta observação se aplica particularmente à psicanálise de Lacan, que costuma ser vista como “radicalmente hermética ou

---

\* Este estudo foi apresentado sob forma de comunicação no II Seminário Nacional de Lingüística e Língua Portuguesa, organizado pela Faculdade de Letras da UFG, de 22 a 23 de novembro de 1999.

\*\* Mestre em Lingüística pela UFG e doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade de Paris X.

como um *corpus* presumidamente esotérico e inacessível” (DOR, 1992, p. 9).

De início – como todo início –, o manuseio tanto de terminologias quanto de princípios teóricos ainda desconhecidos representa de fato uma barreira. Mas as barreiras, afinal, não foram justamente feitas para serem transpostas? Assim é que o presente texto procura mostrar alguns pontos de contato e de colaboração entre as duas disciplinas,<sup>2</sup> sobretudo por meio do trabalho teórico de M. Arrivé. Trata a seguir de desvios do código lingüístico estudados pela psicanálise – que embora caracterizem desvios do código dito normal não chegam a ser considerados como patológicos. É este o caso das formações do inconsciente, tais como a linguagem do sonho, o lapso, o dito espirituoso e o esquecimento de nomes. Tomo por base nessa análise sobretudo Freud, Lacan e Joël Dor.

Já de início, como afirma M. Arrivé em suas obras sobre as relações entre lingüística e psicanálise, insinuam-se as aparentes diferenças entre os trabalhos produzidos pelos profissionais de cada uma das duas áreas. Sabe-se, por exemplo, que muito mais surpreendente do que um psicanalista escrever sobre linguagem e inconsciente, deixando de citar obras de um lingüista sobre o mesmo assunto,<sup>3</sup> como que negligenciando tudo o que é externo à sua área, é o fato de pesquisadores dos dois domínios omitirem obras e autores de suas respectivas áreas, havendo aqui uma espécie de negligência “em família”.

Uma outra diferença relativa à atividade profissional de cada um deles, de acordo com Arrivé, é que enquanto o lingüista encontra-se geralmente envolvido, seja com seus informantes – na pesquisa de campo –, seja com suas fichas, cassettes e livros – em seu escritório –, ou ensinando, o que é freqüentemente sua principal fonte de renda, o psicanalista, mesmo quando lhe ocorre dar aulas, geralmente escreve e fala muito menos que o lingüista, já que seu alvo é acima de tudo terapêutico, “por definição totalmente estranho ao [do] lingüista” (ARRIVÉ, 1994a, p. 14). Aos dois profissionais não restaria como função comum, ainda segundo Arrivé, senão a de escutar e, ainda assim, cada um a seu modo: o lingüista, da maneira mais atenciosa e objetiva possível, imbuído de uma curiosidade sem limites, fica alerta a variações e oposições fonológicas, bem como às especificidades das estruturas sintáticas. Contrariamente, o psicanalista, passível de uma “atenção flutuante”,

segundo Freud, possui uma orelha que por sua vez é muito mais sensível ao que não se diz ou ao que se diz de través,<sup>4</sup> encontrando nos atos falhos suas verdadeiras respostas. É o que se pode constatar, por exemplo, no valor atribuído por lingüistas e psicanalistas ao fenômeno do lapso. Para o lingüista, tal ocorrência representa uma “escória involuntária digna apenas de observação no sentido de corrigir, enquanto que para o psicanalista o lapso representa uma brusca irrupção do inconsciente no discurso do paciente (ARRIVÉ, 1994a, p. 14-15).

Outra diferença fundamental pode ser observada no que concerne ao estatuto epistemológico das duas disciplinas: enquanto a lingüística possui o estatuto de ciência da linguagem, a psicanálise vê-se desde seus primeiros passos dividida entre os critérios heurísticos, terapêuticos e “propriamente científicos”, como pode ser observado na seguinte definição freudiana:

PSICANÁLISE é o nome: 1) de um procedimento de investigação de processos anímicos dificilmente acessíveis de outro modo; 2) de um método de tratamento dos distúrbios neuróticos, que se funda sobre a investigação; 3) de uma série de vistas psicológicas adquiridas por esse meio que crescem progressivamente para se reunirem em uma disciplina científica nova. (FREUD, apud ARRIVÉ, 1994a, p. 15)

Na realidade muitos psicanalistas ainda estão se perguntando se seu objeto de estudo, o inconsciente, é realmente passível de um discurso científico.<sup>5</sup>

Mesmo diante das evidentes – e legítimas – relações entre a lingüística de Saussure e a psicanálise de Lacan (tendo, aliás, a segunda, como origem e fundamentos a primeira, conforme se verá mais adiante, ao tratarmos das analogias entre os dois domínios), muitos psicanalistas, mesmo os que crêem conhecer bem o pensamento de Lacan, não conseguem ver sempre com bons olhos as tentativas de aproximações explícitas entre as duas disciplinas, seguindo, em parte, as pegadas de seu mestre. Desse modo, no estudo das relações entre essas duas disciplinas<sup>6</sup> podem ser observados desde “os contatos mais íntimos até os desconhecimentos recíprocos mais completos e constrangedores” (ARRIVÉ, 1994a, p. 15).

Quanto aos objetos de investigação da lingüística saussuriana e da psicanálise lacaniana, observa-se que, enquanto Saussure concentra suas atenções sobre o sistema de signos, a língua, dizendo que esta não se confunde com a linguagem, o objeto de investigação de Lacan é justamente a linguagem. Esta última se adequa melhor às pesquisas psicanalíticas no que diz respeito às características do inconsciente que são tão heteróclitas quanto os mecanismos lingüísticos.<sup>7</sup>

O gesto saussuriano de privilegiar a língua, no entanto, é plenamente consciente do quanto esta se acha integrada na linguagem, como uma parte essencial desta. Para Saussure, a língua é ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Por outro lado, a linguagem, tomada no seu todo, é, para o mestre, multiforme, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, pertencendo a um só tempo ao domínio individual e ao domínio social, não se deixando classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, já que não se saberia delimitar sua unidade.

Quanto à língua, contrariamente, Saussure diz ser um todo, em si mesma um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos de linguagem, nós introduzimos uma ordem natural em um todo que não se presta a nenhuma outra classificação (ARRIVÉ, 1994a, p. 42).

Voltemos às interrogações do início deste texto sobre os possíveis diálogos entre lingüistas e psicanalistas e suas respectivas disciplinas. No que diz respeito ao discurso patológico, é interessante analisar a afirmação de Frédéric Gobert, em seu *Essai de caractérisation linguistique de différents types des discours pathologiques*, de que o paciente fala. Embora pareça muito evidente, esse fato possui um caráter fundamental para a presente análise. O fato ao mesmo tempo normal e fundamental de que o paciente fala não justificaria, por si só, que lingüistas e psicanalistas tenham em comum o direito e o interesse de pesquisar sobre linguagem, uma vez que o discurso patológico, objeto da psicanálise, não deixa de ser o discurso objeto de interesse do lingüista? Ou seja, o fato de o paciente falar já não o introduz automaticamente no campo de ação do lingüista, cuja especialidade é o estudo da linguagem, em quaisquer de suas múltiplas manifestações, entre elas as patológicas?

Ressalte-se aqui a máxima lacaniana de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, um dos desdobramentos mais apaixonantes da teoria saussuriana da linguagem.

Podem, assim, sem nenhuma dúvida, ser observados por meio dos pontos de contato entre lingüística e psicanálise, surpreendentes resultados que respondem a interesses comuns às duas disciplinas.

Para a verificação de um exemplo desse contato, basta que se retroceda o olhar até o início do corrente século para vermos o lingüista Saussure trabalhando em colaboração com o psicólogo Flournoy, numa época em que a psicanálise ainda estava nascendo e o psicanalista, como é concebido em nossos dias, ainda não existia. Além deste, são inumeráveis as pesquisas desenvolvidas em colaboração entre os dois domínios. Trataremos de algumas delas no decorrer deste texto.

Assim, adianto o questionamento que partilho com F. Gobert: poder-se-ia ainda hoje “restringir o interesse pelo discurso patológico aos médicos (uma vez que a maioria dos psicanalistas o são)”? Não possuiria o discurso patológico realmente nenhum ou quase nenhum interesse lingüístico, enquanto discurso manifestador de distúrbios psíquicos?<sup>8</sup> E o que dizer do aforismo de Lacan “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” e das inúmeras analogias entre o discurso lingüístico e o “discurso (do) inconsciente”?<sup>9</sup>

Os domínios do lingüístico, do patológico<sup>10</sup> e do psicanalítico, no que se refere ao discurso,<sup>11</sup> apresentam-se “irremediavelmente ligados”.<sup>12</sup> O que pode ser constatado no valor que o próprio Lacan – retomando Freud – atribui ao papel desempenhado pela lingüística em todas as instâncias, tanto da teoria quanto da prática psicanalíticas, embora os psicanalistas, a começar por Lacan, nem sempre o admitam facilmente.<sup>13</sup> Lacan mesmo recorre à lingüística para fazer, por exemplo, a delimitação entre o discurso de uma pessoa normal de caráter difícil e o discurso de uma pessoa delirante. Afirma que o discurso do delirante é

uma linguagem na qual certas palavras assumem um tom (*accent*) especial, uma densidade que se manifesta na própria forma do significante (lacaniano), dando-lhe um caráter assumidamente neológico tão chocante nas produções da paranóia.

Pode-se afirmar que o termo psicanálise vem justamente fazer o equilíbrio entre os termos *lingüístico* e *patológico*, mencionados no início deste estudo. Donde a impossibilidade de se estudar, por exemplo, os discursos neuróticos e psicóticos e o chamado “discurso do inconsciente”, sem passar pela linguagem. Não está, esta última, em perfeita e legítima relação com a lingüística?

Conclui-se, então, que uma caracterização lingüística dos discursos patológicos<sup>14</sup> seria de grande valor na prática do psicanalista, da mesma forma que o conhecimento dos psicanalistas poderia auxiliar os lingüistas na abordagem de fenômenos relativos seja ao pré-consciente, seja ao inconsciente.

Para Mannoni, baseando-se na distinção feita por Lacan entre língua enquanto código e língua enquanto tesouro ou depósito, caberia ao lingüista apenas a língua como código, escapando-lhe o domínio da língua como tesouro. Pertenceria ao domínio da psicanálise o modo pelo qual “um autor ou um analisando emerge no tesouro da língua, o que, segundo ele, não se reduz a nenhum procedimento de codificação”. Contrariamente, o próprio Lacan diz em seu *Seminário III* que “a linguagem atinge o seu ponto máximo de eficácia [justamente I.V.] quando chega a dizer alguma coisa dizendo outra”. Caberia ao psicanalista essa “alguma coisa”, restando ao lingüista essa “outra coisa”, uma vez que somente o trabalho psicanalítico estaria habilitado a falar sobre o valor “de uma palavra colocada fora de lugar”.<sup>15</sup>

Porém a distinção feita por Lacan entre língua código e língua tesouro não as transforma em domínios estanques. É justamente na

linha imaginária existente entre os dois conceitos, traçando a fronteira indefinida entre lingüística e psicanálise, nos níveis intermediários entre os dois domínios que poderá situar-se a análise lingüística mais próxima [do domínio] da psicanálise. (GOBERT, 1993, p. 17)

Em *Le mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*, Freud chega também a mencionar uma certa vizinhança entre as determinantes subjetivas da elaboração espirituosa (por exemplo, o trocadilho) e as que levam à neurose, renunciando, porém, logo a seguir, a considerar a

constituição psiconeurótica como uma condição subjetiva constante e necessária da produção do dito espirituoso.

Contrariamente à atitude de reserva de seu mestre, Lacan classifica o dito espirituoso como apenas um entre os sintomas ao lado do lapso, dos distúrbios de memória... considerando tal fenômeno como a “pedra de toque” para que se detecte na obra de Freud a coerente e perfeita relação entre o fenômeno analítico e a linguagem, idéia que será melhor desenvolvida no decorrer deste texto. Lacan diz ainda em seus *Ecrits* que, em *Le mot d’esprit...*, de Freud, “o efeito do inconsciente nos [é] demonstrado até os confins de sua fineza”.

De acordo com Mannoni, são essencialmente três as abordagens lingüísticas encontradas na obra de Freud que se referem à análise de sonhos, dos lapsos e dos ditos espirituosos. Podem, porém, conforme assinala Gobert, ser encontradas brechas na obra freudiana para possíveis leituras lingüísticas que vão além das acima mencionadas.

Existe também um outro modo de observação das relações entre lingüística e psicanálise que se evidencia por meio das analogias existentes entre os mecanismos de formação da linguagem dita “normal” e os fenômenos que caracterizam os desvios do código lingüístico convencional: a linguagem dos sonhos, o lapso, o dito espirituoso, o esquecimento de nomes ...matéria por excelência da clínica analítica.<sup>16</sup>

Esse percurso tortuoso, de demarcação imprecisa e reivindicações complexas pode iniciar-se pelas noções de metáfora e metonímia que são a base para a analogia entre os mecanismos de formação da linguagem e os mecanismos das formações do inconsciente.

Seria oportuno verificarmos aqui em que se constituem então estes dois processos apontados por Lacan, mas já pressentidos ou antevistos por Freud como análogos tanto na formação do inconsciente quanto da linguagem: o processo metafórico (de condensação) e o processo metonímico (de deslocamento). Lacan introduz as primeiras referências explícitas aos dois processos na magistral reflexão que desenvolve em seu seminário *As psicoses*, a propósito do caso do presidente Schreber (DOR, 1992, p. 41).

Trata-se dos dois tipos de mecanismos fundamentais ao trabalho do sonho que se acham na base da analogia lacaniana segundo a qual “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.<sup>17</sup> Porém, indo além do trabalho dos sonhos, os processos metáfora-metonímicos aplicam-se

igualmente a todas as formações do inconsciente já mencionadas: lapsos, ditos espirituosos, sonhos, esquecimento de nomes.

Tomemos como ponto de partida a própria definição dos termos *metáfora* (substituição) e *metonímia* (combinação), conforme apresenta Dor (1992, p. 43 e 46):

A metáfora é tradicionalmente repertoriada nos tropos do discurso como uma figura de estilo fundada em relações de similaridade, de substituição. Neste sentido, é um mecanismo de linguagem que intervém ao longo do eixo sincrônico (paradigmático), ou seja, o eixo do léxico da língua. De resto é um processo de enriquecimento lexical, mesmo porque um grande número de “sentidos figurados” não são outra coisa senão antigas metáforas. Em seu princípio, a metáfora consiste em designar alguma coisa por meio do nome de uma outra coisa. Ela é, portanto, no sentido pleno do termo: substituição significante, como formula Lacan.<sup>18</sup> [...]

Etimologicamente, o termo *metonímia* significa: mudança de nome (metonymia). Esta figura de estilo de linguagem é elaborada segundo um processo de transferência de denominação, por meio do qual um objeto é designado por um termo diferente daquele que lhe é habitualmente próprio. Esta transferência de denominação de um termo para outro termo, contudo, só é possível com a ressalva de que existam certas condições de ligação entre os dois termos. Tradicionalmente, essas condições particulares de ligação são especificadas pelos modos a seguir. Os termos podem, com efeito, estar ligados por uma relação de matéria a objeto ou de continente a conteúdo. Por exemplo: “Beber um copo”, “Os metais da orquestra”. Ou por uma relação de parte e todo: “Uma vela no horizonte”, “Andar numa 750 cilindradas”. Ou então por uma relação de causa e efeito: “A colheita” (que designa não somente a ação de colher, mas também o efeito desta ação). Analisemos o processo de construção de uma expressão metonímica do tipo: “estar num divã”, expressão comumente utilizada para significar “fazer análise, estar em análise” (sobre um divã). Aqui o termo “divã” é metonimicamente utilizado no lugar do termo (a análise). Em outras palavras, a parte (o divã) é colocada no lugar do todo (a análise). Embora o “todo” esteja



eludido, nem por isso a significação deixa de aparecer, em razão da relação de contigüidade entre a “parte” e o “todo”.

Na metonímia observa-se uma resistência à significação, na medida em que esta figura de estilo apresenta-se sempre como um não-sentido aparente (não “se está num divã”, faz-se uma análise sobre um divã). Em outras palavras, uma operação de pensamento é sempre necessária para apreender o sentido da expressão metonímica, restabelecendo as relações entre S e S'. Em contrapartida, na metáfora, se o surgimento de sentido é imediato, é precisamente porque uma transposição da barra se produziu.

As noções de metáfora e metonímia constituem, na perspectiva lacaniana, duas das pedras fundamentais da concepção estrutural do processo inconsciente. Estas duas molas mestras sustentam, com efeito, uma larga parte do edifício teórico mobilizado pela tese: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

Uma boa ilustração do papel desempenhado pelos processos metáfora-metonímicos no aparelho teórico de Lacan é a interpretação feita por este do conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe. O texto mostra uma situação em que vários personagens estão com as atenções voltadas para uma carta, o ponto alto do episódio:

Numa primeira cena, a rainha, que acaba de receber uma carta, empenha-se em escondê-la à chegada do rei e seu ministro, temendo que se descubram ali informações que poderiam pôr em dúvida sua honra. Todavia, a dissimulação da carta não escapou à sagacidade do ministro que pressente do que poderia se tratar, em função do embaraço da rainha. Este retira, então, de seu bolso uma carta aparentemente similar, finge ostensivamente lê-la e a substitui pela carta da rainha, da qual apodera-se. A rainha, testemunha estupefata desta situação, nada demonstra, para enganar o rei. No final desta primeira cena, a rainha sabe que o ministro apropriou-se da carta e o ministro sabe que a rainha sabe.

No decorrer de uma segunda cena, um novo personagem, Dupin, aparece. Por ordem do comissário de polícia, Dupin visita o ministro esperando encontrar a carta em seu domicílio. O ministro suspeitando o motivo da visita de Dupin, recebe seu visitante como se não houvesse nada demais. Dupin percebe, durante sua

inspeção, um papel amassado, negligentemente colocado à vista de todos. Compreendendo que se tratava seguramente da carta procurada – protegida, assim, no melhor dos esconderijos – esquece voluntariamente sua tabaqueira na casa do ministro e despede-se.

Com o pretexto de recuperar a tabaqueira esquecida, Dupin volta no dia seguinte, trazendo consigo uma reprodução que imita muito bem o documento amassado. Aproveitando um incidente que distrai a vigilância do ministro, substitui a contrafação pela carta cobiçada e retira-se.

A segunda cena revela, portanto, uma estratégia de troca inversa à precedente: é Dupin quem possui a carta, e o ministro é depositário de uma contrafação. Todavia, o ministro nada sabe da substituição ocorrida, ao passo que a rainha tudo sabe. (DOR, 1992, p. 44-45)

Joël Dor coloca a interpretação lacaniana desse conto nos seguintes termos: a carta exerce a função de significante e o conteúdo da carta, de significado que, por sua vez, permanece desconhecido de todos. A supremacia atribuída aqui por Lacan ao significante consiste no fato de que “cada personagem viu-se enganado pelo jogo das substituições sucessivas da carta que circula”: o rei porque nada viu: a rainha porque viu, mas nada pôde fazer; e o ministro porque viu, mas nada soube da substituição de Dupin. Segundo Lacan, a mobilização de todos esses personagens em torno dessa carta é análoga ao “poder do significante em mobilizar o sujeito”.<sup>19</sup>

De acordo com a psicanálise de Lacan o mesmo ocorre também no que diz respeito aos mecanismos do sonho, nos quais podem ser observadas analogias entre a “linguagem” do sonho e os mecanismos da linguagem propriamente dita.

Sobre o sonho, Lacan (apud DOR, 1992, p. 26-27) afirma:

que se retome a obra de Freud na *Traumdeutung* para lembrar com ela que o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, se nos atermos ao pé da letra, de uma charada. Mesmo assim isso não passa de deciframento do instrumento. É na versão do texto que o importante começa, o importante de que Freud nos diz está dado na elaboração do sonho, isto é, em sua retórica.

O exame do sonho a seguir confirma imediatamente essa hipótese metonímica do trabalho do sonho em seu conjunto:

Num cômodo da casa com meu marido. Tenho muita dificuldade para encontrar a torneira do gás. Quando eu a abro, o gás sai. Pouco a pouco a casa se desmorona. Vamos morrer. Ao mesmo tempo, a casa ergue-se novamente. (DOR, 1992, p. 59)

A análise desse sonho faz com que pouco a pouco apareça a seguinte significação:

É o sonho de uma mulher que tem um marido impotente e deseja o divórcio. O cômodo da casa indica a convivência com o marido. O sexo masculino está representado pela chave do gás, e a impotência pela dificuldade de encontrá-la. A destruição da casa e a chegada da morte são o fim do casamento. A casa que se ergue novamente representa um novo casamento. (DOR, 1992, p. 59)

Neste exemplo, não se pode dizer que a “dificuldade de encontrar a chave do gás significa, exatamente, ‘a impotência do marido’”. Existe aí um sentido não-aparente. A resistência à significação depende, mas não somente, da cadeia dos diversos materiais intermediários postos em conexão pelo processo metonímico.<sup>20</sup> De modo que se a análise do sonho consiste em demonstrar o trabalho do sonho, percorrendo a cadeia desses materiais em contigüidade, trata-se, em última instância, de percorrer o caminho trilhado pelo processo metonímico.

Conforme observa Joël Dor, “o dito espirituoso procede igualmente por substituições; logo, por metáforas”. Prova disso é o célebre *famillionário* de H. Heine, cujo mecanismo é analisado por Freud no primeiro capítulo de sua obra sobre o dito espirituoso.<sup>21</sup> A condensação metafórica constrói-se do seguinte modo:

FAMILI AR  
MILIONÁRIO  
FAMILIONÁRIO

Na presente ilustração, o protagonista Hirsch Hyracinthe – um negociante de loterias, em decadência –, ao relatar a seu interlocutor como Salomon Rothschild, um milionário, o recebera em casa, em lugar de “enunciar: ‘Ele me tratou de igual para igual, de maneira muito familiar’, formula: ‘Ele me tratou de maneira muito *famillionária*’ ”. Isto porque, à época, Hyracinthe, em virtude de sua situação financeira não muito próspera, desejava ter perto de si, afirma Joël Dor, um milionário para sustentá-lo.

“Perto de si” está associado aqui, visivelmente, ao termo *familiar*, resultando em *famillionário*. Ou seja, observa-se através do dito espirituoso (DOR, 1992, p. 60) que, semelhantemente ao que ocorre no trabalho do sonho e nas demais formações do inconsciente, evidenciam-se, entre os processos metáforo-metonímicos da linguagem convencional e o papel desempenhado por esses mesmos processos evidenciados nas formações do inconsciente, explícitas analogias.

É assim que, por meio de um processo metafórico, substituiu-se o desejo de ter perto de si um ente querido, “familiar”, rico ou, melhor ainda, “milionário”, pelo dito espirituoso *famillionário*.<sup>22</sup>

A elaboração do dito espirituoso pode utilizar-se ainda de uma outra técnica, explorando o registro inconsciente do deslocamento, que reside, segundo Freud, “no desvio do curso do pensamento, no deslocamento da importância psíquica do tema primitivo para um tema diferente”. Como tal, essa técnica segue a via da metonímia.

Analisemos de perto esse tipo de metonímia do dito espirituoso num fragmento clínico que apresenta a interessante particularidade de ter sido totalmente involuntário. Em outras palavras, vamos ver que o dito espirituoso estruturado de modo metonímico advém no lugar de uma outra formação do inconsciente, o lapso:

Ao voltar da África do Norte, onde estivera em lua-de-mel, uma jovem anuncia a seu analista, numa soberba denegação, que fez uma excitante *velagem* de núpcias. A expressão a deixa perturbada por alguns instantes, o que não impede que apareça muito intensamente, ao longo da sessão, o fato de o esposo não se ter mostrado à altura da situação durante a viagem, tornando-se difícil sufocar por muito mais tempo a urgência da recriminação inconsciente. Esta se faz ouvir graças a um deslocamento que

favorece a ocorrência da tirada espirituosa (ou dito espirituoso), como o lapso. De modo que essa formação inconsciente “mista” revelará sua solução explicativa numa série de associações que trarão à luz a construção metonímica subjacente. (DOR, 1992, p. 61)

Conforme afirma Joël Dor, no caso dessa paciente, “velagem” de núpcias encontra-se diretamente relacionada com uma “impaciente expectativa”, resultante de impulsos sexuais não satisfeitos. Da mesma forma que “velagem” está relacionada com as mulheres da África do Norte, pelo fato de usarem esse adorno de tecido transparente, o véu. Um testemunho de “servidão erótica”, de “miséria amorosa”. “Velagem” remete então a “véu”, que no presente contexto aparece também como um significante inconsciente do hímen, sendo a idéia de carência erótica a que se associará mais intensamente à decepção que sofreram os desejos contidos da paciente.

A metonímia sob forma desse lapso/dito espirituoso decorre da relação de contiguidade existente entre “núpcias” e “velagem”. Houve então um fenômeno de deslocamento metonímico, ou seja, transferência de denominação:<sup>23</sup>

O elemento viagem de núpcias [...] é, antes de tudo, a ocorrência de uma decepção amorosa, de uma humilhação erótica que ela se esforça para esquecer. O retorno desse recalque irá efetuar-se por um deslocamento significativo induzido pelo elemento associativo “servidão erótica”, que irá assegurar a contiguidade com o elemento metonímico *velagem* de núpcias. (DOR, 1992, p. 62)

Através de um laborioso trabalho de associações de significantes o analista descobre que, subjacente a esta irrupção do inconsciente advinda sob a forma de dito espirituoso/lapso, “velagem de núpcias”, a paciente alimenta um sintoma.

Na realidade “a amargura dessa viagem de núpcias induzida por uma falha conjugal acentuada” é apenas a ponta da meada, a ser desenrolada ao longo das sessões posteriores. Com efeito, depreende-se por meio da análise que a relevância é “prontamente colocada sobre o efeito surpresa provocado pela falha inesperada do marido”, que intervém como um “autêntico sinal de angústia”... “Em outras palavras,

como um dispositivo de defesa mobilizado ante a iminência de um perigo psíquico cujo afluxo de excitações poderia não ser contido pela economia do sujeito”. O mencionado “efeito surpresa” desempenha a função de “signo precursor de um afeto traumático, antigo, reavivado pela falha, presente, do parceiro, estabelecendo-se dessa forma aí o sintoma”.

O “efeito surpresa” funciona também aqui como um processo de defesa contra pensamentos recalcados que serão resgatados, um a um, pelo trabalho analítico:

- 1) O desejo contido durante a viagem de núpcias.
- 2) O ódio do marido impotente.
- 3) “...uma humilhação narcísica devastadora, por não ter conseguido suscitar os desejos de um homem” (DOR, 1992, p. 64). Após a viagem de núpcias, esses pensamentos que estiveram antes recalcados, passando por um processo de deslocamento – logo, metonímicos – sofrem uma inversão de valores. A paciente assume, então, uma atitude de maternagem em relação ao marido, ao mesmo tempo em que passa a apresentar um sintoma sob a forma de um tremor progressivo no braço que quase a impossibilita de escrever. Este sintoma “incompreensível” surge acompanhado de “um sentimento de cólera surda contra si mesma, que ela tampouco consegue explicar” (DOR, 1992, p. 64).
- 4) Entre os dois sintomas – o mais antigo e o mais recente – o mais recente aparece sob forma de metáfora: uma substituição significativa de um significante antigo a ser decifrado, recalcado por um significante novo, o tremor no braço, em relação de similaridade.
- 5) O significante antigo, recalcado, só será identificado após muitos meses de pacientes associações e múltiplas etapas de um trabalho analítico pontuado pela rememoração de diversas recordações “que desempenharão, sucessivamente, um papel no processo de metaforização” (DOR, 1992, p. 64).

O trabalho de associações inicia-se por uma recordação aparentemente irrelevante:

- a) Um copo de álcool derramado involuntariamente pelo marido na cama durante a noite de núpcias.
- b) Um pedido que lhe fora feito certo dia, ainda na adolescência, para que tomasse conta de um vizinho com crise de *delirium tremens*, até a chegada do médico:

O homem estava deitado numa cama e agitava constantemente seus braços, na tentativa de repelir o ataque dos insetos que via sob alucinação. Aterrorizada pela cena, ela se lembra de ter sido tomada por um tremor constante, até a chegada do médico. (DOR, 1992, p. 64)

- c) Evocação, com grande dificuldade, de “alguns detalhes esquecidos de um acontecimento traumático”:

Algum tempo antes de seu casamento, essa mulher havia descoberto que seu pai era, de fato, seu padrasto. Muito tocada com essa verdade que lhe fora dissimulada, decidiu empreender investigações para encontrar alguma pista de seu pai. Das múltiplas investigações que efetuou na época, tinha completamente esquecido uma delas. Ela lembra, então, ter escrito a uma velha conhecida de seu pai. Ela havia investido muitas esperanças nessa pista, mas suas diligências revelaram-se tanto mais frustrantes quanto sua espera se fez longa e sem resposta. (DOR, 1992, p. 64)

- d) Uma última e fundamental recordação desvela-se, desempenhando o papel de “último elemento do quebra-cabeça metafórico”, vindo “catalisar as precedentes” e revelar o sentido do sintoma:<sup>24</sup>

Ela lembra-se que por volta dos treze ou quatorze anos, num dia em que o padrasto bebera um pouco demais, que este a havia importunado enormemente, acariciando-lhe os seios repetidas vezes. Sua reação imediata fora de *grande surpresa*, uma vez que tal atitude era tão estranha quanto inesperada. Lembra ainda da raiva que sentira de si mesma ao descobrir que era impotente para neutralizar a situação. E era com angústia que havia *esperado* que o seu padrasto, enfim, terminasse com seu assédio incestuoso. (DOR, 1992, p. 64-65)

Os significantes relativos a todas essas recordações “desempenharam um papel preponderante” na elaboração desse sintoma de base metafórica:

A partir desses diferentes elementos, torna-se fácil compreender como se operou a construção eletiva do sintoma. Em primeiro

lugar, a decepção da noite de núpcias intervém como o acontecimento que irá reativar a cena incestuosa recalçada. Com efeito, encontramos nessas duas cenas um mesmo elemento instigador, isto é, o elemento de surpresa que como vimos, funcionava como sinal de angústia na cena da noite de núpcias, reativando um afluxo de excitações angustiantes. Mas essa reativação só se tornou possível graças à similaridade do afeto: uma excitação sexual sem descarga libidinal. Dito de outra forma, uma tensão psicosexual frustrante que constituirá um terreno de similaridade favorável à organização do sintoma. (DOR, 1992, p. 65)

Dando continuidade à análise deste lapso, Joël Dor afirma que é próprio da atividade inconsciente utilizar diversos materiais de origem diferente numa combinação tal que a expressão do desejo recalçado torne-se irreconhecível. Mostra, porém, que esses materiais que pontuam a organização do sintoma têm características comuns:

Identificamos, em primeiro lugar, o significante *álcool*, que está explicitamente ou implicitamente presente em muitas das lembranças esquecidas: o copo de álcool derramado no leito conjugal; a crise de *delirium tremens*; o padraço bêbado. Assim também como o significante *espera*: o marido que bebe na cama, em vez de dar atenção a ela (espera frustrante); ela toma conta do vizinho em crise enquanto espera o médico (espera angustiante); espera em vão uma resposta à sua carta (espera frustrante); espera, enfim, que seu padraço pare de acariciá-la (espera angustiante). Todos esses fatores de similaridade são suficientes para precipitar a formação do sintoma. Este irá elaborar-se por estratificações sucessivas, um pouco à maneira das condensações de um sonho. (DOR, 1992, p. 66)

Com base na descrição dos sintomas dessa paciente, o significante escrever/escrita refere-se a uma das recordações recalçadas. O tremor rítmico do braço, por sua vez, é a condensação de dois detalhes provenientes de outra recordação:

a agitação dos braços do vizinho durante seu onirismo zoóptico e o tremor de seu próprio corpo ao ver a cena, sendo que o



distúrbio na escrita e a raiva subsequente refletem sua própria impotência em reagir às carícias do padrasto e a raiva interior que a acompanha. (DOR, 1992, p. 66)

Na raiva que a paciente sente de si própria observa-se uma inversão de valor (“metonímia/deslocamento”). Na realidade, a raiva de si reflete o inverso camuflado do vivido inconsciente. Tem raiva de fato é de seu padrasto. Joël Dor (1992, p. 67) conclui a análise desse fragmento clínico afirmando que

é fácil compreenderem que o fracasso conjugal da noite de núpcias é suscetível de reativar, simultaneamente, a excitação passiva e a frustração, sustentando-se em um efeito de deslocamento idêntico. Com efeito, os pensamentos latentes, como a frustração, o ódio pelo esposo, e a humilhação narcísica, são rapidamente convertidos em maternagem. Por que essa inversão metonímica do valor dos afetos? Para isto uma única razão: é preciso manter o recalçamento da cena incestuosa com o padrasto, bruscamente reativada. O meio mais seguro continua sendo o de introduzir uma inversão dos afetos mobilizados durante a noite de núpcias. Em outras palavras, repetir um deslocamento com relação aos afetos da noite de núpcias é consolidar o deslocamento dos afetos da cena incestuosa com o padrasto.

Definitivamente, encontramos neste fragmento clínico a ilustração da construção metafórica de um sintoma cujos elementos constitutivos foram, por outro lado, objeto de deslocamentos metonímicos.

Diferentemente do que ocorre com *famillionário* – em que há um acréscimo à palavra – no esquecimento de nomes a ênfase recai sobre uma ausência, uma lacuna. É o caso do nome *Signorelli*, parcialmente esquecido por Freud em certa ocasião, que, como se pode perceber imediatamente, é um termo estrangeiro à língua deste autor (o alemão), fato para o qual Freud chama a atenção em *Psicopatologia da vida cotidiana*. Para Lacan isso torna o nome em questão portador de algo que ultrapassa a esfera do nome próprio como tal, que em si não teria pátria.

Outro fato para o qual Freud chama a atenção é o de que o esquecimento de nomes não acontece de forma total, um “ponto branco”, mas

que em lugar do fragmento esquecido apresentam-se outros termos, sendo o mais importante aqui ainda o processo das substituições.

O esquecimento do nome *Signorelli* citado é sucedido inicialmente, por aproximação metonímica, pelos termos *Botticelli Boltraffio*, denotando um processo formado não mais de substituição, mas de combinação, embora *Signorelli*, *Boltraffio* e *Botticelli*, na análise feita por Freud estejam ligados unicamente no nível do significante. Lacan afirma tratar-se aqui de uma das mais claras demonstrações em Freud dos mecanismos em jogo no fenômeno de formação e deformação ligado ao inconsciente.

Tomemos em primeiro lugar *Botticelli*. Segundo Lacan, retomando Freud, a última metade da palavra, *elli*, é o resto de *Signorelli*, incompleto porque *Signor* foi esquecido, e *Bo* é o resto de *Bosnie-Herzégovine*, nome do local onde Freud tomou conhecimento do suicídio de um de seus pacientes, em razão de impotência sexual.

Quando no esquecimento de nomes aparece o termo incompleto *Signor*, não é *Signor* que é acometido de esquecimento e sim *Signorelli*. *Signor* não passa de um resto significante recalcado de algo relativo ao não-aparecimento de *Signorelli*. Faz diferença se o termo lembrado é *Signor* ou *Signorelli*. Lacan alerta para o fato de que quando o que se tem presente ao espírito é um autor chamado *Signorelli*, o pintor de afrescos da cidade italiana de Orvieto, normalmente não se dá nenhuma ênfase particular ao fragmento *Signor* em si e que, se este fragmento adquiriu relevância, é em razão da ação de decomposição própria da metáfora, e porque o nome *Signorelli* tornou-se cativo do jogo metafórico que ocasionou seu esquecimento.

Por meio do trabalho de análise, via criação metafórica, pode-se estabelecer relação entre *Signor* e *Herr*. Trata-se do sentido que adquiriu o termo para Freud, enquanto conversava com um personagem que o acompanhou em uma curta viagem de carro feita pouco antes desse episódio de esquecimento de nome, durante a qual falam sobre o paciente que se suicidara motivado pela impotência sexual:

*Herr* (*Signor*, senhor I.V.) tornou-se o símbolo de algo perante o que fracassa seu poder como médico, (símbolo I.V.) do mestre absoluto, ou seja, do mal que ele não é capaz de curar – o paciente suicida-se apesar de seus cuidados – e, finalmente, símbolo da

morte e da impotência que ameaça pessoalmente o próprio Freud. É pois no âmbito da criação metafórica que se produz a ruptura de *Signorelli*, a qual permitiu ao elemento *Signor* advir. Não se pode então dizer que é *Signor* que está afetado por esquecimento e sim *Signorelli*. *Signor* é o que se acha a nível de resto metafórico, recalçado. *Signor* é recalçado mas não esquecido. Ele não poderia ser esquecido porque não existia antes. (LACAN, 1998, p. 57)

Freud procura o nome *Signorelli* e não encontra ou não o encontra adequadamente

porque no nível em que busca *Signorelli*, o que é esperado nesse momento pela conversa que o antecede, é uma metáfora que faria mediação entre aquilo de que se trata na conversação em curso e o que ele recusa, a saber, a morte... O que advém é uma espécie de elaboração escatológica. Esta seria a única maneira pela qual ele poderia abordar esse termo impensável [*abhorré*], se se pode dizer assim, de seu pensamento, que ainda assim deve afastar, uma vez que a morte existe, e que o limita tanto enquanto ser humano quanto em sua ação como médico, e que impõe um limite absolutamente irrefutável a seus pensamentos. Ora, nenhuma metáfora lhe sobrevém relativamente a essas últimas coisas. Freud se recusa a toda espécie de escatologia que não venha sob a forma de uma admiração por um afresco pintado proveniente da cidade de Orvieto. Porém nada lhe ocorre. (LACAN, 1998, p. 58)

Observa-se, desse modo, que, tanto no caso das formações da linguagem quanto do inconsciente, o sentido é formado a partir da ordem em que se combinam os significantes. Não que exista uma relação direta, evidente e simples entre os significantes enunciados no discurso do paciente e a “realidade” por ele vivida. Muito contrariamente, essa “leitura” empreendida pelo analista pressupõe todo um trabalho de associações livres através das quais, ao identificar o que é metafórico e o que é metonímico, onde houve deslocamento ou/e condensação, poderá alcançar o objeto recalçado. Tal fato porém nem sempre se concretiza, uma vez que em alguns casos há predomínio radical das defesas e resistência do recalque por parte do paciente,<sup>25</sup> donde podemos concluir com Joël Dor (1992, p. 49) que

as noções de metáfora e metonímia constituem, na perspectiva lacaniana, duas das pedras fundamentais da concepção estrutural do processo inconsciente. Estas duas molas mestras sustentam, com efeito, uma larga parte do edifício teórico mobilizado pela tese: o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Assim também se os processos “metafórico” e “metonímico” estão na própria origem dos mecanismos que regulam geralmente o princípio do funcionamento inconsciente, devemos poder evidenciar a aplicação destes dois paradigmas tanto ao nível do processo primário, quanto ao nível das formações do inconsciente propriamente ditas.

Pode-se reafirmar, então, com base em Joël Dor, que o trabalho do sonho no seu todo constitui-se em um empreendimento metonímico que opera verdadeiro “disfarce” ou “dissimulação” do sentido. De acordo com esse autor o fato de o sonho resistir à significação resulta do próprio trabalho do sonho. Assim é que na sua interpretação do sonho aplica-se o método das associações livres, método que veio substituir os métodos hipnóticos e catárticos:

Além de permitir identificar a significação de manifestações psíquicas de origem inconsciente, irá tornar possível, graças às suas virtudes operatórias, uma generalização que conduza à noção de formação do inconsciente; em outros termos, a generalização de uma pluralidade de manifestações psíquicas, todas possuindo em comum o caráter de significar outra coisa bem diferente do que significam imediatamente.

Não podemos ver nessas afirmações as mesmas características do dito espiritualoso, do lapso, do esquecimento, enfim, de todas as formações do inconsciente?

Elipse e pleonasma, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, oposição, tais são os deslocamentos sintáticos; metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas, onde Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrações dissimuladoras ou persuasivas, retorsivas ou sedutoras com que *o sujeito modula seu discurso onírico*. E a analogia com a linguagem ultrapassaria

o fenômeno do sonho aplicando-se, sem exceção a todas as formações do inconsciente. (DOR, 1992, p. 27)

Exemplificam-se também, pelo trabalho de condensação, certas imagens especiais do sonho e que o estado de vigília ignora absolutamente.

[...]

Quem de nós não encontrou em seus próprios sonhos imagens desse gênero? Elas resultam de combinações as mais variadas. Posso formar uma figura única de traços tomados de muitos; posso ver em sonho uma fisionomia bem conhecida e dar-lhe o nome de algum outro, ou identificá-lo completamente, mas colocá-lo numa situação onde, na realidade, uma outra pessoa se encontra...

[...]

Pode criar uma pessoa coletiva que serve à condensação do sonho, reunindo numa só imagem do sonho traços de duas ou mais pessoas. É assim que foi formado o doutor M... de meu sonho. Ele traz o nome de M... fala e age como ele; suas características físicas, sua doença são de outra pessoa, de meu irmão mais velho; um único traço, sua palidez, está duplamente determinado, uma vez que na realidade é comum às duas pessoas. (DOR, 1992, p. 53)

O processo de “condensação” do sonho, por exemplo, é um processo metafórico, enquanto o processo de deslocamento no sonho é um mecanismo metonímico. É o que se dá com todas as formações do inconsciente, sem exceção, conforme afirma Lacan (1966, p. 268):

Quanto à psicopatologia da vida cotidiana, outro campo consagrado por uma outra obra de Freud, é claro que todo ato falho é um discurso [inconsciente I.V.] bem sucedido, e mesmo quando graciosamente constituído, e que no lapso é a mordaca que gira sobre a palavra, justo no quadrante necessário para que um bom entendedor encontre aí sua meia palavra.

Com base nesse “olhar mais de perto”, apresentado nesta reflexão sobre as relações entre lingüística e psicanálise, creio estar em condições de propor, depois de Arrivé e do próprio Lacan, na essência de seu retorno a Freud, tanto teórico quanto prático, a demonstração da hipótese

da existência de inúmeras e explícitas relações de entrelaçamento entre as duas disciplinas. Este retorno de Lacan a Freud consiste em assegurar que

a investigação do inconsciente está marcada desde o início, por uma certa inscrição psíquica que faz com que estejamos seguros de que não se trata de uma entidade abstrata ou metafísica, e que tampouco nos remete ao registro de uma entidade biológica ou de algum substrato psíquico mensurável quantificável. Os processos psíquicos inconscientes circunscritos por Freud encontram-se, no princípio mesmo de sua descoberta, submetidos à dimensão da linguagem e aos pontos de apoio nos quais esta dimensão se sustenta através da transferência. (DOR, 1992, p. 11)

Quanto ao retorno a Freud, tratava-se para Lacan de denunciar

a tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da palavra [...] ocasião em que diz também que um psicanalista deve introduzir-se facilmente aí pela distinção fundamental do significante e do significado, e começar a exercitar-se sobre as redes de relações que eles organizam e que não se recobrem.<sup>26</sup>

Esta é a mesma postura demonstrada por Lacan em *Situation de la psychanalyse en 1956*:

Para saber o que se passa na análise, é preciso saber de onde vem a palavra. Para saber o que é a resistência, é preciso saber o que faz anteparo ao surgimento da palavra. [...] Por que eludir as questões que o inconsciente provoca? Se a associação dita livre nos dá acesso a isso, seria por uma liberação comparável à dos automatismos neurobiológicos? Se as pulsões que aí se desvelam são de nível diencefálico, ou mesmo do rinencéfalo, como conceber que se estruturam em termos de linguagem? Pois se, desde a origem, é na linguagem que se dão a conhecer seus efeitos, suas astúcias, que desde então aprendemos a reconhecer, elas não denotam menos, em sua trivialidade como em seus requintes, um processo linguageiro. (LACAN, apud DOR, 1992, p. 14)

É também nesse texto de Lacan que aparece sua indicação para que se inserisse no currículo dos estudantes de psicanálise pelo menos “a distinção do significante e do significado, cujo mérito atribuímos a Ferdinand de Saussure, e que graças a seu ensino se encontra hoje inscrita no fundamento das Ciências Humanas”.<sup>27</sup>

É, pois, neste mesmo contexto que aparece então a noção lacaniana de primazia do significante sobre o significado:

O sonho é uma charada (diz Freud). O que teria sido necessário que ele acrescentasse para que esperássemos *as palavras da alma?* (grifo meu I.V.) As frases de uma charada jamais tiveram o menor sentido, e seu interesse, aquele que tomamos em seu deciframento, não se deve ao fato de que a significação manifesta em suas imagens é caduca, tendo por alcance unicamente o de fazer ouvir o significante que ali se disfarça? (LACAN, 1966, p. 470)

Em 1957, esse retorno a Freud operado por Lacan aparece de modo mais acentuado no que se refere à sua articulação com a noção de linguagem. Tal postura pode ser observada já na introdução de sua conferência “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”:

E como mesmo um psicanalista de hoje, não se sentiria levado a tocar a palavra, quando sua experiência recebe dela seu instrumento, seu quadro, seu material e até mesmo o fundo sonoro de suas incertezas [...] Nosso título dá a entender que, para além desta palavra, é toda a estrutura da linguagem que a experiência analítica descobre no inconsciente. (LACAN, 1966, p. 494-495)

Ora, não se pode pensar em uma introdução à leitura de Lacan sem admitir sua máxima, “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, que se acha na base das “causas e circunstâncias” dessa leitura, fundada, por sua vez, em Freud. Inicialmente, faz-se o seguinte questionamento: poder-se-ia dizer que essa afirmação central no pensamento de Lacan, que transparece tanto nos *Séminaire* quanto nos *Écrits* e que apresenta o inconsciente não apenas estruturado como uma, como também tramado, encadeado, tecido de linguagem, remete

exatamente à mesma noção de linguagem mais comumente entendida pelo(s) lingüista(s)? (LACAN, 1981, p. 135).

Não é exatamente o que ocorre. Em Lacan, “uma” e não “a” linguagem passível de ser comparada ao inconsciente remete a um “sistema simultâneo de grupos de oposições estruturadas”, “um jogo de significantes” ou “um sistema de significantes”, como já se observou anteriormente. No sentido lacaniano, trata-se de uma língua provida de certas particularidades que especificam as sílabas, os empregos de palavras, as locuções nas quais elas se agrupam, e que condicionam, até a sua forma mais original, o que se passa no inconsciente. É como se o inconsciente partisse dos dados da língua, do sistema de significantes e os utilizasse a seu modo para “expressar-se”,<sup>28</sup> embora se deva ter também em mente (GOBERT, 1993, p. 31) que Lacan diz em outro momento que o inconsciente “não exprime nada”. Seria melhor dizer então que o inconsciente é condicionado pela linguagem?

Aqui devemos antes de tudo lembrarmo-nos de que: 1) o termo *significante* em Saussure e Lacan são hipônimos, ou seja, possuem significados diferentes (ARRIVÉ, 1986, p. 87); 2) as regras às quais o inconsciente acha-se condicionado, embora se assemelhem em alguns aspectos, como foi demonstrado acima a respeito de serem análogos os mecanismos de formação da linguagem aos mecanismos de formação do inconsciente, não são regras propriamente lingüísticas. As regras do inconsciente pertencem ao sistema significante dessa “outra língua” que não se deixa ouvir senão pela “terceira orelha”, a língua do inconsciente.

Até aqui então sabe-se que “uma linguagem” no referido adágio lacaniano equivale a “um sistema de significantes”. Essa noção, por sua vez, remete ao recalque, que “é estruturado como um fenômeno de linguagem”, como observamos anteriormente. Qual a relação entre essa estrutura e esse fenômeno? Essa estrutura, a do recalque, está contida nesse fenômeno, o da linguagem. Como o recalque é um fenômeno analítico, e para Lacan todo fenômeno analítico – como o caso, por exemplo, do sintoma e da neurose – é estruturado como uma linguagem, pode-se dizer que o sistema significante do inconsciente e o recalque são estruturados como uma linguagem. Sobre a análise em si, Lacan diz que “é na realidade porque alguma coisa foi atada a alguma coisa semelhante à palavra, que o discurso pode desatá-la”.<sup>29</sup>



Fazendo-se uma analogia entre a análise lingüística e a análise propriamente dita, não apenas existem estreitas relações entre elas, mas chegam mesmo a confundir-se e, se se presta atenção de perto, elas não são essencialmente coisas diferentes entre si (LACAN, 1998, p. 12-13).

A obra de Freud possui a “Interpretação dos sonhos” como pedra fundamental. Aqui faz-se importante observar que

a hipótese genial de Freud com relação ao sonho ... [consiste na aplicação do método das associações livres] que além de permitir identificar a significação de manifestações psíquicas de origem inconsciente, irá tornar possível, graças às suas virtudes operatórias, [...] a generalização de uma pluralidade de manifestações psíquicas, todas possuindo em comum o caráter de significar outra coisa bem diferente do que significam imediatamente. (LACAN, apud DOR, 1992, p. 15)

De acordo com essa noção de formação do inconsciente, o sonho pode ser abordado como um

discurso dissimulado, disfarçado, condensado, do qual o sujeito perdeu o código, mas cujo caráter de estranheza termina por livrar seu segredo num discurso claro e significante [significativo, I.V.], graças ao laborioso trabalho associativo”. (DOR, 1992, p. 16)

A analogia entre o sonho e demais formações do inconsciente e os elementos significantes da linguagem constitui, desse modo, o ponto teórico e prático fundamental tanto da obra de Freud quanto de Lacan. É o que afirma J. Dor (1992, p. 16):

Somos inevitavelmente convocados por Freud a esta ordem da linguagem, tendo em vista que o princípio de investigação do inconsciente permanece constantemente suspenso ao fluxo das cadeias associativas que, por não serem nada menos que cadeias de pensamentos, insistem em nos reconduzir incessantemente à cadeias de palavras. Subseqüentemente, vêm-se assim arruinados todas as esperanças de ficarmos satisfeitos com um índice de significações codificadas previamente, ao estilo das “chaves dos sonhos”, para trabalhar o deciframento onírico. Mesmo se

Freud atribui a importância que se conhece aos símbolos e ao simbolismo no sonho, a teoria freudiana do sonho não autoriza, absolutamente que se prescindia da palavra do sujeito para desvelar o inconsciente.

Se “nisto reside, por si só, um dos argumentos decisivos de Lacan, na perspectiva do seu retorno a Freud, ao recolocar no primeiro plano do campo psicanalítico a dimensão dessa palavra”, se “esta intrincação referencial do inconsciente nas malhas do discurso será desenvolvida por Lacan até as suas mais extremas conseqüências”, e se neste ponto, de caráter fundamental da obra de Freud e também crucial na leitura de Lacan, é que se deixam observar legítimas e explícitas analogias entre os mecanismos de formação da linguagem e os mecanismos de formação do inconsciente, não seriam também perfeitamente justificáveis proposições de estabelecimento de diálogos entre lingüistas e psicanalistas? E também a sistematização do estudo das diferenças e similitudes, bem como de possíveis homologações entre suas disciplinas? Conseqüentemente, não teria também o lingüista sua palavra a dizer em relação à psicanálise?

#### RÉSUMÉ

Cette étude analyse quelques aspects de l'appropriation par la Psychanalyse, surtout chez Lacan, de l'appareil théorique saussurien. Traite donc de controverses relations entre Linguistique et Psychanalyse en ce qui concerne les discours pathologiques et les formations de l'inconscient telles que les rêves, les lapsus, le mot d'esprit, l'oublie des noms.

MOTS-CLÉS: Saussure, linguistique, psychanalyse.

---

#### NOTAS

1. Cf. ARRIVÉ, *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient*, p. 14 e 15. Sobre o trabalho de Michel Arrivé a respeito das aproximações entre lingüística e psicanálise, diríamos, semelhantemente ao que observa Joël Dor sobre as analogias trabalhadas por Lacan “entre os dados da lingüística e os mecanismos de condensação e deslocamento do processo primário”,

- que “a idéia de uma tal aproximação é anterior à reflexão teórica de Lacan. Mas é Lacan quem vai codificar esta aproximação num processo teórico pertinente e rigoroso, retomando o texto de Freud ao pé da letra”. Cf. J. Dor, *Introdução à leitura de Lacan*, p. 50. De igual modo, muito já se havia falado sobre lingüística e inconsciente, mas é M. Arrivé quem primeiro propõe homologações sistemáticas e explícitas entre lingüística e psicanálise.
2. É importante aqui assinalar a realização do colóquio *Linguistique et Psychanalyse*, ocorrido em Cérisy-La-Salle, de 1º a 8 de setembro de 1998.
  3. Veja-se o caso, por exemplo, do psicanalista Paul-Laurent Assoun, professor da Universidade de Paris VII, que em sua obra *Psychanalyse*, no capítulo “Psychanalyse et science du langage”, não menciona uma única vez a obra de M. Arrivé.
  4. Cf. ARRIVÉ, *Langage et psychanalyse...*, principalmente a partir da p. 8 deste texto no que se refere a todas as formações do inconsciente, quais sejam o sonho, o dito espiritualoso, o lapso e todos os demais “desvios” do código.
  5. Cf. o que dizem a respeito, Lacan, *Séminaire XI*, p. 15 e 185; Joël Dor, *L’ascientificité de la psychanalyse*, Editions Universitaires, 1988; e Gerard Pommier, *La névrose infantile de la psychanalyse*, Point Hors Ligne, 1989, apud ARRIVÉ, op. cit., p. 16.
  6. O apaixonante estudo sobre relações entre as duas disciplinas foi sugerido por Raymond de Saussure, filho do mestre, em 1916, em uma carta a Charles Bally, em que afirma: “O Sr. Freud em *Psychologie de la vie quotidienne* apresenta alguns casos de lapso, os quais tenta explicar psicologicamente [...] Parece-me que haveria aí novo domínio de investigação para a Lingüística”. Cf. ARRIVÉ, *Langage et psychanalyse...*, p. 17, e SAUSSURE, *La méthode psychanalytique*, 1922, p. 149.
  7. Sobre o caráter heteróclito da linguagem, que a torna um objeto de difícil classificação, sobre a analogia do seu caráter fugidio – de indomabilidade – e ainda sobre a linguagem e as manifestações do inconsciente (transparecendo em ambos a predeterminação do sujeito tanto no que se refere à linguagem quanto ao sentido), ver neste trabalho o conto de Edgard Allan Poe, “A carta roubada”, retomado por Lacan.
  8. Cf. GOBERT, op. cit., p. 1. Trato desse interesse lingüístico do discurso patológico, enquanto manifestador de distúrbios psíquicos, em minha dissertação de Mestrado (ver referências bibliográficas), sobretudo às p. 88-111, retomando-o na pesquisa de doutorado, ora em andamento.
  9. O chamado “discurso inconsciente”, peculiar às “manifestações do inconsciente”, diz respeito não só aos chamados discursos patológicos – do histó-

rico, do neurótico, do obsessivo –, mas a todas as demais manifestações de desvio do código lingüístico presentes na linguagem dos sonhos, no lapso, no dito espiritualoso, no esquecimento de nomes, como se verá mais adiante neste capítulo.

10. Cf. em R. JAKOBSON, *Langage enfantin et aphasie*, a importância da Lingüística para as pesquisas sobre a afasia.
11. Este inter-relacionamento entre os vários domínios do discurso é abordado por Dayse Pires, em relação à aquisição de língua estrangeira, em *Considerações sobre a pesquisa em aquisição de língua estrangeira*, p.185-195. Ver também, a esse mesmo respeito, o artigo de Luiz Alberto de Miranda, *A enunciação textualizada: análise do discurso, psicanálise e literatura*, p. 197-212.
12. A ciência pertinente ao inconsciente é certamente a Lingüística. LACAN, *Ecrits*, p. 288, apud GOBERT, p. 56.
13. Discuto este assunto com maiores detalhes em “Retour sur les origines saussuriennes du signifiant lacanien” (ver referências bibliográficas).
14. Comparando os lugares das perturbações lingüísticas nos “grupos patológicos constituídos respectivamente pelos afásicos, os dementes, os psicóticos, Luce Irigaray constata que os problemas atingem de modo preferencial a realização do enunciado, no afásico, a geração de mensagens, no demente, enquanto no psicótico está mais em causa a existência em si de uma relação dialética entre os protagonistas da enunciação, e entre o sujeito da enunciação e seu enunciado ou objeto da comunicação”.
15. LACAN, *Séminaire III*, p. 255, apud GOBERT, p. 16. Veremos essa delimitação frágil de barreiras ao falar dos lapsos mais adiante neste texto.
16. O lugar dado à linguagem no tratamento de casos patológicos evoluiu consideravelmente da Idade Clássica aos nossos dias. O discurso, bastante negligenciado pelos médicos do séculos XVII e XVIII, passa a ter um papel de destaque na análise de estados patológicos, graças aos avanços tanto da lingüística quanto da psicanálise, embora ainda hoje este seja um campo de pesquisa relativamente novo. Para uma melhor compreensão da evolução dessas análises que vão desde a priorização do aspecto puramente fisiológico, passando por nuances de análise lingüística, até atingir o estágio de análise propriamente lingüística, ver Luce Irigaray – uma das raras lingüistas da atualidade a tentar caracterizar “lingüisticamente o discurso histérico, obsessivo ou esquizofrênico – em *Parler n’est jamais neutre*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1985. Apresento esse assunto, bem como algumas observações sobre a afasia, de forma panorâmica em minha

dissertação de Mestrado, principalmente nas p. 93 a 110; 138 a 161 (ver referências bibliográficas).

17. Sobre a noção de inconsciente o psicanalista Joël Dor (1992, p. 12) faz a seguinte reflexão: “Esta referência freudiana à investigação do inconsciente está marcada, desde o início, por uma certa “inscrição” psíquica que faz com que estejamos seguros de que não se trata de uma entidade abstrata ou metafísica, e tampouco nos remete ao registro de uma entidade biológica ou de algum substrato psíquico mensurável e quantificável. Os processos psíquicos inconscientes circunscritos por Freud encontram-se, no princípio mesmo de sua descoberta, submetidos à dimensão psíquica da linguagem e aos pontos de apoio nos quais esta dimensão se sustenta através da transferência.

Eis, então, dois pólos: linguagem e transferência, delimitando o campo de inserção de uma prática que se pode tomar como autenticamente inaugurada por Freud. Contudo, e esta precisão precisa ser assinalada, se uma prática analítica é uma prática de linguagem, nem toda prática de linguagem é necessariamente psicanalítica. Por outro lado, se é na palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial, podemos desde já nos interrogar sobre a dimensão de desconhecimento de que se revestem certas práticas ‘de inspiração’ analítica que romperam com toda relação com a linguagem.”

18. “Lembremos desde já, com Lacan, que uma metáfora não é outra coisa senão uma substituição significante, porquanto aí se opera a substituição de um significante por um outro significante. Na linguagem esta substituição entre dois termos efetua-se, na maioria das vezes, com a ajuda de uma similaridade semântica ou de uma similaridade homofônica. É evidente que, ao nível dos processos inconscientes, nem sempre se identifica o caráter imediato de tais ligações de similaridade” (DOR, op. cit., p. 51 e 52).
19. Não negando a importância e a coerência do aparelho teórico de Lacan em psicanálise, no que se refere à importância do significante, gostaríamos aqui de remeter a uma espécie de “outro lado da moeda”, ou seja, a um importante mecanismo, em lingüística, que evidencia o relevante papel do sujeito falante em relação a seu discurso: o falante elege sempre um termo em detrimento de outro no processo de formação da cadeia falada. O poder do significante em mobilizar o sujeito estaria, desse modo, atenuado, como mostra bem o gráfico de Saussure e o de seus discípulos no episódio da anotação de uma das aulas do mestre genebrino. Ver p. 69 deste trabalho.
20. Conferir, para a análise de um sonho em que predomina o processo de condensação, por omissão (metafórico), o sonho da “monografia botânica”

(S. FREUD, *L'Interpretation des rêves*, p. 246). Outro exemplo de sonho baseado no mesmo processo por formação compósita, em que “os elementos latentes que apresentam características em comum irão fundir-se entre si”... é o caso da “Injeção de Irma” (*L'Interprétation des rêves*, p. 99 e p. 254). Todos os elementos latentes ao nível manifesto tornam-se em um único elemento. “E o mesmo ocorre com as ‘pessoas compósitas’, as ‘figuras coletivas’, e as ‘composições neológicas’ que povoam os sonhos”. Cf. DOR, p. 53.

21. S. FREUD, *Le mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient (Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten)*, p. 45-46.
22. Para um estudo detalhado das formações do inconsciente, ver LACAN, *Séminaire V*. Este exemplo já foi objeto de breve análise – ampliada no presente texto – no artigo “Saussure Pró”.
23. Para a análise sobre o dito espírituoso que se segue cf. DOR, op. cit., p. 63 e ss.
24. A esse respeito ver também a interessantíssima resolução do sintoma de *Frau Cécile* em S. FREUD, *Études sur l'hystérie*.
25. Informação obtida em conversa pessoal com o psicólogo parisiense Bernard Odier, durante o Colóquio “Linguistique et Psychanalyse”, em Cécily-La-Salle, em setembro de 1998.
26. Trata-se aqui da primeira cisão do movimento psicanalítico francês, quando da criação da nova Sociedade Psicanalítica Francesa, em 1953, que, por não concordar com o retorno a Freud, culmina por expulsar Lacan da instituição. Cf. *Fonctions et champs de la parole et du langage en psychanalyse*, p. 237 e DOR, op. cit., p. 13.
27. *Ibid.*, p. 467. Sobre a opinião um tanto flutuante de Lacan a respeito de Saussure cf. ARRIVÉ, *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient*, p. 15. Ver também a análise que faço do assunto no texto “Retour sur les origines saussuriennes du signifiant lacanien”, a ser publicado nos anais do colóquio “Linguistique et Psychanalyse”. Cf. referências bibliográficas.
28. Sobre o assunto Lacan (1966, p. 268) afirma que “quanto à psicopatologia da vida cotidiana, outro campo consagrado por uma outra obra de Freud, é claro que todo ato falho é um *discurso* [inconsciente I.V.] *bem-sucedido*, e mesmo graciosamente construído, e que no lapso é a mordaca que gira sobre a palavra, justo ao quadrante necessário para que um bom entendedor encontre aí sua meia-palavra”.
29. LACAN, 1998, op. cit., p. 10. Esse fenômeno aparece claramente no caso de “*Frau Cécile*”, em *Études sur l'hystérie*, de Freud.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, Michel. *Linguistique et psychanalyse. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan et les autres*. Paris: Meridiens-Klincksieck, 1986.

\_\_\_\_\_. *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Paris: PUF, 1994a.

\_\_\_\_\_. *Lingüística e psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. Trad. Mário Laranjeira e Alain Mouzat. São Paulo: Edusp, 1994b.

DARMON, Marc. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Trad. Eliana Valle. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*. 3. ed. Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ENGLER, Rudolf. *Cours de linguistique générale*. Tome I. Édition critique. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989. [reproduction de l'édition originale].

\_\_\_\_\_. *Cours de linguistique générale*. Tome II. Édition critique. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990. [reproduction de l'édition originale].

GOBERT, Frédéric. *Essai de caractérisation linguistique de différents types de discours pathologiques*, Mémoire de Maîtrise. Université de Paris X – Nanterre, 1993.

LABARTHE, P. L., NANCY J. L. *O título da letra*. Trad. Sérgio Joaquim de Almeida. São Paulo: Escuta, 1991.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

\_\_\_\_\_. *Le séminaire, Livre III: Les psychoses, 1955-1956*. Paris: Seuil, 1981.

\_\_\_\_\_. *Le séminaire, Livre V: Les formations de l'inconscient*. Paris: Seuil, 1998.

MILNER, Jean Claude. *O amor da língua*. Trad. Angela Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

VILELA, Izabel. Saussure Pró: A unidade saussuriana presente no curso, nos anagramas e na psicanálise de Lacan. In: *CFS 51*, Genève, p. 251-272, 1999.

\_\_\_\_\_. Retour sur les origines saussuriennes du signifiant lacanien. In: COLLOQUE INTERNATIONAL LINGUISTIQUE ET PSYCHANALYSE, Cerisy-La Salle set. 1998. *LINX*, Centre de Recherches Linguistiques de l'Université de Paris X – Nanterre [no prelo].

WUNDERLI, Peter. Saussure et les anagrammes. In: *Travaux de linguistique et de littérature*, X, 1, p. 35-53, 1972.